



|| C A P Í T U L O 5 ||

Masculinidade tóxica: gênero, raça e classe

Fábio Araújo Oliveira¹
Nadia de Jesus Santos²

| Introdução

Em um artigo que escrevemos, intitulado “O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental” (OLIVEIRA; SANTOS, 2022), fizemos uma análise, na perspectiva teórica da Análise Materialista do Discurso, da campanha “Novas Masculinidades”, realizada pelo governo do estado da Bahia, em 2019. A campanha tinha como objetivo sensibilizar a população para o combate à cultura considerada machista, cujo efeito é a produção da chamada masculinidade tóxica, contribuindo, assim, para a violência contra mulheres, por exemplo.

A campanha foi lançada em 2019 pela Secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia (SPM-BA); nesse período os dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-BA) apontavam um cresci-

1 Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Email: fabiooliveira@gmail.com

2 Doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: n234327@dac.unicamp.br

mento no número de casos de feminicídio no estado. A Bahia registrou 364 feminicídios de 2017 a 2020, sendo que 76,4% ocorreram em domicílio, tendo como autores companheiros ou ex-companheiros, e mais de 90% das vítimas eram mulheres negras.

Essa campanha contou com áudios e vídeos produzidos e veiculados em mídias tradicionais e digitais—rádio, tv, cinema, redes sociais, assim como *outdoors* sequenciais em mobiliário urbano, metrô e ônibus, onde enunciados como os apresentados a seguir circularam: “Antes do controle, o machismo. Antes do machismo, a masculinidade tóxica”; “Antes do tapa, o machismo. Antes do machismo, a masculinidade tóxica”; “Antes do tiro, o machismo. Antes do machismo, a masculinidade tóxica”; “A masculinidade tóxica faz mal ao homem e pode virar violência contra a mulher”. Tais formulações buscavam provocar a reflexão sobre a possibilidade de existência de outras masculinidades, tendo em vista que a considerada masculinidade tóxica afetaria negativamente homens e mulheres.

As peças publicitárias com imagens fixas circularam em algumas cidades da Bahia e os vídeos foram divulgados na tv e nas redes sociais da SPM-Bahia, assim como postados pela imprensa, movimentos feministas e sociedade civil. Nas redes sociais da Secretaria há registros não só destas peças nas ruas, como também da repercussão da campanha.

Como recorte para aquele artigo do qual estamos partindo, analisamos a campanha através de três imagens fixas do conjunto de suas peças publicitárias, abordando a constituição, formulação e circulação dos sentidos sobre a chamada masculinidade tóxica. Na análise, percebemos que havia sentidos construídos na campanha de que existe uma masculinidade tóxica, que levaria o homem a agressões de vários tipos contra as mulheres. E é esse tipo de masculinidade que precisaria ser combatido para que houvesse redução de casos de violência doméstica. O sentido de masculinidade tóxica nesta campanha filia-se,

numa rede de memória, aos estudos das masculinidades, uma vertente dos estudos de gênero que busca analisar problemas relacionados ao masculino, bem como à sua diversidade.

Para esses estudos, a masculinidade tóxica diz respeito ao fato de o homem não só praticar ações nocivas e destrutivas consigo, com o outro ou com as coisas do mundo, como também considerar isso como algo normal e incentivar, propagar, defender ou manter tais práticas. Além disso, ativa uma memória, a do movimento feminista e dos estudos de gênero, que historicamente trabalham na construção de sentidos de igualdade entre os gêneros, de respeito à mulher e de denúncia e enfrentamento à violência contra a mulher, por exemplo. Nesse sentido, contemporaneamente, há um contexto histórico que explica as possibilidades legítimas de constituição, formulação e circulação de sentidos sobre a masculinidade tóxica, e esse contexto só é possível em sociedades democráticas que combatem o machismo; em outras sociedades, poderíamos ter a censura de tal questão.

Entendemos que um tema tão importante como o enfrentamento à violência contra as mulheres deva fazer parte do debate público, inclusive das políticas públicas de governo, e deva circular amplamente por toda a sociedade, pois a ampla circulação do sentido sobre essa questão histórica na sociedade brasileira é necessária para promover reflexões críticas sobre o assunto, o que pode propiciar deslocamentos de sentidos e ressignificações, podendo chegar a mudanças de atitudes. É a possibilidade de mexer na rede de memória.

Entretanto, o sentido precisa ser recorrente para que novas discursividades possam se estabelecer. Nessa perspectiva, percebemos em nossa análise que a campanha em questão era solitária. A campanha “Nova Masculinidade” é um acontecimento na memória, no tecido social, ao se referir tanto à chamada masculinidade tóxica, quanto à possibilidade de outra(s) masculinidade(s), pois há outras campanhas sobre o enfrentamento à violência contra a mulher no Brasil,

mas questionar a masculinidade, um tipo de masculinidade, apontando para outras possibilidades de ser homem, isso ainda é da ordem da singularidade.

Após a publicação desse material, outras inquietações sobre o assunto surgiram, relacionadas à chamada interseccionalidade, algo que deixamos de abordar no que diz respeito às masculinidades tóxicas que atravessam os agressores. Assim, neste capítulo, passamos a refletir sobre quem são esses sujeitos atravessados por uma masculinidade tóxica que violenta mulheres e a si mesmos, entendendo que “as relações de poder que envolvem raça, gênero e classe, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e excludentes” (COLLINS, 2021, p. 16). A continuação desta pesquisa nos permite analisar “a presença de não ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 1990, p. 44) na campanha “Novas Masculinidades”, pois, ao se dizer que a violência contra as mulheres é resultado de uma masculinidade tóxica, silenciam-se marcadores sociais que estão relacionados à construção dessa masculinidade, por exemplo.

A masculinidade tóxica na campanha publicitária “Nova masculinidade”

Para uma análise, retomaremos duas imagens que fazem referência a agressão física contra a mulher, presentes no artigo “O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental” (OLIVEIRA; SANTOS, 2022). Vejamos:

Imagem 1 – Campanha publicitária³



Fonte: Governo do Estado da Bahia

| Conforme analisamos:

Aqui, a silhueta de uma mão vermelha é significada em relação às enunciações: “Antes do tapa, o machismo. Antes do machismo, a masculinidade tóxica.” Se é a mulher que apanha, e se antes do tapa há o machismo, então a mão que bate é de um sujeito machista, que predominantemente são homens nos casos de violência física contra a mulher. O homem está apenas sugerido na silhueta, enquanto a mulher é representada com seus traços físicos, que sugerem

³ Disponível em: <https://twitter.com/spmbahia/status/1129050066264690691/photo/1>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ser uma mulher branca. Isso materializa o sentido de que, embora dados apontem que as maiores vítimas de violência doméstica são mulheres negras, qualquer mulher pode sofrer algum tipo de violência, pois ela “[...] ignora fronteiras de classes sociais, de grau de industrialização, de renda per capita, de distintos tipos de cultura [...]” (SAFFIOTI, 2015, p. 88 apud OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p. 142).

Há uma relação de temporalidade fundamental para a significação do texto ao marcar uma anterioridade. O que explica o tapa, que numa relação metafórica significa a violência física, é o machismo. O machismo vem antes da agressão, ou seja, a construção discursiva e social do que é ser um homem macho, em dadas condições de produção, antecede e é atualizada pela performance do sujeito agressor. Chama a atenção o fato de a masculinidade tóxica ser apresentada como homogênea e única na construção de homens de raças e classes sociais diferentes. Entretanto, as condições de produção do machismo não são as mesmas para todos os sujeitos atravessados por essa identificação. Se formos analisar a memória discursiva na construção do macho, categorias como raça e classe possuem efeitos significativos, conforme abordaremos mais adiante.

A imagem 1 possui relação com a imagem 2, que apresentamos a seguir:

Imagem 2–Campanha publicitária⁴



Fonte: Governo do Estado da Bahia

Conforme analisamos:

Nessa imagem, assim como na outra, a linguagem verbal e a visual se complementam. Aqui, a palavra “tiro” e a imagem de um revólver pertencem ao mesmo campo semântico. Se antes do tiro há o machismo, então o revólver é metonímia da posição-sujeito de macho, que neste caso é um potencial criminoso, aquele que pode matar. A mulher é apresentada como a potencial vítima. Na imagem, há a representação de uma mulher negra. Tudo isso aponta para regularidades da realidade social. (...) os dados mostram que há padrão para o feminicídio na Bahia: as vítimas são predominantemente

⁴ Disponível em: <https://twitter.com/spmbahia/status/1129050066264690691/photo/1>. Acesso em: 10 ago. 2021.

mulheres negras, de 30 a 49 anos, assassinadas por companheiro ou ex-companheiro dentro do âmbito familiar. Em alguns casos, os filhos presenciaram o crime. Então, nesse contexto, a campanha pode ser considerada, sobretudo, de combate à violência contra mulheres negras. Isso significa que a questão racial é um dado importante e precisa ser levada em conta nesta conjuntura (OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p. 143-144).

Em relação ao homicídio de mulheres no Brasil, a chamada masculinidade tóxica, colocada como causa do machismo na campanha em questão, tem vitimado, ao longo dos anos, as mulheres negras. Segundo o Atlas da Violência (2021):

Em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. Em termos relativos, enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 2,5, a mesma taxa para as mulheres negras foi de 4,1. Isso quer dizer que o risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra, ou seja, para cada mulher não negra morta, morrem 1,7 mulheres negras.

Essa tendência vem sendo verificada há vários anos, mas o que a análise dos últimos onze anos indica é que a redução da violência letal não se traduziu na redução da desigualdade racial. A evolução da taxa de homicídios femininos por raça/cor mostra que, em 2009, a taxa de mortalidade entre mulheres negras era de 4,9 por 100 mil, ao passo que entre não negras a taxa era de 3,3 por 100 mil. Pouco mais de uma década depois, em 2019, a taxa de mortalidade de mulheres negras caiu para 4,1 por 100 mil, redução de 15,7%, e entre não negras para 2,5 por 100 mil, redução de 24,5%. Se considerarmos a diferença entre as duas taxas verificamos que, em 2009, a taxa de mortalidade de mulheres negras era 48,5% superior à de mulheres não negras, e onze anos depois a taxa de mortalidade de mulheres negras é 65,8% superior à de não negras. (CERQUEIRA *et al.*, 2021, p. 38).

Se pensarmos que grande parte dos homicídios de mulheres são feminicídios, que a mulher negra é a principal vítima e que os principais autores desses crimes são companheiros ou ex-companheiros, o cenário da masculinidade tóxica que mata mulheres tem predominantemente uma raça e uma classe social no Brasil: mulheres negras e pobres (que possuem maior vulnerabilidade para serem assassinadas), e homens negros e pobres (que possuem maior vulnerabilidade para a autoria de feminicídio). Por conta do racismo e do preconceito de classe, mulheres negras tendem a ser preteridas nas escolhas dos homens por uma parceira afetiva e conjugal, inclusive por homens negros (SOUZA, 2008). Entretanto, acreditamos que ainda são com os homens negros as maiores possibilidades de relacionamento afetivo e conjugal da mulher negra.

Os órgãos oficiais do Estado não divulgam informações sobre a categoria raça dos autores de feminicídios. Acreditamos que seja para não fortalecer um imaginário social perverso de que homens negros seriam mais agressivos e violentos, sem refletir criticamente sobre a questão.

Por outro lado, há dados oficiais sobre a população carcerária no Brasil. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, os negros representam mais de 60% da população carcerária brasileira. De acordo com Monteiro e Cardoso,

Os jovens não são apenas as vítimas de homicídios, são também alvos fáceis do processo de criminalização e seletividade do sistema penal. De toda a população prisional brasileira em 2010, 58% encontravam-se na faixa de 18 a 29 anos. É um quadro complexo que se delinea com a inserção precoce nas penitenciárias e contribui para uma “carreira criminosa”. O cenário torna-se mais preocupante na medida em que a maioria das pessoas que estão no sistema prisional cometeu delitos enquadrados no grande grupo “crimes contra o patrimônio” (51,9%). Além disso, de todos esses crimes,

83,5% foram de roubo e furto e apenas 6,1% latrocínio (roubo seguido de morte).

(...)

[Em 2010] Do total de presos, 77% não haviam passado do ensino fundamental. Podemos afirmar que a maioria das pessoas encarceradas é de baixíssima escolaridade.

(...)

Os dados demonstram maior gravidade quando se leva em conta a cor das pessoas encarceradas e reforçam a discussão já desenvolvida na literatura. 60% são negros enquanto 37% são brancos. Indicadores de vulnerabilidade analisados comparativamente entre a população evidenciam a diferença marcante entre os negros e os brancos no Brasil.

O índice de desenvolvimento humano (IDH-2000) entre os brancos era de 0,814 enquanto que o dos negros de 0,703. O IDH dos negros no ano 2000 era inferior ao dos brancos em 1991 (0,745). Outros indicadores, como a intensidade da pobreza, também ressaltavam essa discrepância: enquanto para os brancos as taxas indicavam 47,43, entre os negros esta taxa apontava 49,29 (MONTEIRO; CARDOSO, 2013, n.p.).

De acordo com Pêcheux, “todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias” (PÊCHEUX, 2010, p. 72) Assim, quando relacionamos as categorias de raça, classe social e gênero, identificamos que é produzido um imaginário da chamada masculinidade tóxica no que diz respeito à violência urbana: negro, pobre e jovem. Esse cenário de masculinidade tóxica, o senso comum e as mídias costumam chamar de criminalidade, e os seus sujeitos são significados por criminosos (bandidos, ladrões, meliantes, indivíduos etc.), como podemos observar em manchetes da grande mídia:

Criminosos fazem arrastão na Linha Vermelha, RJ, e roubam veículos (G1)⁵.

Criminosos arrombam agência bancária no centro de Porto Alegre (GZH)⁶.

Troca de tiros entre policiais e criminosos termina com um suspeito preso, em João Pessoa (G1)⁷.

Indivíduo é preso em flagrante furtando lâmpadas de um prédio na Rua Saldanha Marinho (Rádio Uirapuru)⁸.

Quando se trata de homens brancos e de classe média, normalmente tem-se outra formação imaginária, como podemos observar nas manchetes a seguir:

Estudante brasileiro de medicina é preso com drogas na Indonésia (Terra)⁹

Operação Playboy: estudante de medicina é preso por tráfico de drogas (Jornal Correio)¹⁰

Como observamos, nas manchetes de jornais brasileiros a forma de designar o sujeito que pratica o crime da chamada violência urbana está relacionada às violências estruturais do racismo e do preconceito de classe. Conforme Guimarães (2018),

5 Disponível em: G1–Criminosos fazem arrastão na Linha Vermelha, RJ, e roubam veículos–notícias em Rio de Janeiro (globo.com). Acesso em: 8 nov. 2012.

6 Disponível em: Criminosos arrombam agência bancária na zona sul de Porto Alegre | GZH (clicrbs.com.br). Acesso em: 12 nov. 2022.

7 Disponível em: Troca de tiros entre policiais e criminosos termina com um suspeito preso, em João Pessoa | Paraíba | G1 (globo.com) Acesso em 12 nov. 2022.

8 Disponível em: Indivíduo é preso em flagrante furtando lâmpadas de um prédio na Rua Saldanha Marinho–Rádio Uirapuru (rduirapuru.com.br). Acesso em: 10 out. 2022.

9 Disponível em: Estudante brasileiro de medicina é preso com drogas na Indonésia (terra.com.br). Acesso em: 10 out. 2022.

10 Disponível em: Operação Playboy: estudante de medicina é preso por tráfico de drogas na Bahia–Jornal Correio (correio24horas.com.br) Acesso em: 10 out. 2022.

A designação, de alguma maneira, constitui uma relação com o real pela qual podemos falar dele. A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significado pela linguagem (GUIMARÃES, 2018, p. 154).

É importante refletir sobre os efeitos dessa designação nas relações sociais e na construção subjetiva de homens negros, homens pobres e homens negros e pobres, pois o designado na língua reflete no real da história. Por outro lado, ao se referir aos autores da violência contra as mulheres, há manchetes como:

Homem preso por manter esposa e dois filhos em cárcere privado por 17 anos é transferido para presídio em Bangu (G1)¹¹

Homem arranca o olho da esposa durante briga e é preso na Bahia (Diário do Nordeste)¹²

Advogado denunciado por matar namorada no Rio Vermelho é posto em liberdade (Jornal Correio)¹³

Homem casado que matou grávida para não assumir bebê diz que deu mata-leão na vítima enquanto estavam de ‘conchinha’ (G1)¹⁴

Há funcionamentos diferentes para designar os autores de violência nos chamados crimes urbanos e nos crimes de feminicídio. Cabe nos lembrar de que “(...) a maioria das pessoas que estão no sistema prisional cometeu delitos enquadrados no grande grupo ‘crimes contra o patrimônio’ (51,9%) (MONTEIRO; CARDOSO, 2013). Além disso,

11 Disponível em: Homem preso por manter mulher e filhos em cárcere privado por 17 anos é transferido para presídio em Bangu | Rio de Janeiro | G1 (globo.com). Acesso em: 10 out. 2022.

12 Disponível em: Homem arranca o olho da esposa durante briga e é preso na Bahia–Bahia–Diário do Nordeste (verdesmares.com.br). Acesso em: 11 out. 2022.

13 Disponível em: Advogado denunciado por matar namorada no Rio Vermelho é posto em liberdade–Jornal Correio (correio24horas.com.br). Acesso em: 10 nov. 2022.

14 Disponível em: Homem casado que matou grávida para não assumir bebê diz que deu mata-leão na vítima enquanto estavam de ‘conchinha’ | Rondônia | G1 (globo.com). Acesso em: 10 out. 2022.

de todos esses crimes, 83,5% foram de roubo e furto e apenas 6,1% latrocínio (roubo seguido de morte). Nas mídias, há uma regularidade na representação do sujeito desses crimes urbanos, o qual é chamado de criminoso: é o jovem, negro e pobre. Entretanto, a representação do sujeito agressor nos crimes de feminicídio que aparece na mídia é variada (homem branco, negro, classe média, alta); normalmente chamam mais atenção os casos que fogem da regularidade de representação do sujeito do crime urbano. Os sujeitos que cometem crime de feminicídio, embora seja um crime mais grave do que o crime de roubo e furto, normalmente são designados como “homem” apenas, ou pela sua posição na relação afetiva ou conjugal (marido, namorado, ex-marido, ex-namorado, companheiro etc.), ou pela profissão (advogado, médico, jogador de futebol).

Isso significa que há condições de produção diferentes para a construção de sentidos do que é violência, do que é agressor e do que é vítima também. No caso da violência contra a mulher, por exemplo, o que é considerado vítima em determinadas condições de produção pode ser desconsiderado, não ter destaque ou até mesmo ser considerado culpado em outra. Ou seja, o que seria masculinidade tóxica em uma circunstância, como na campanha Nova Masculinidade, passa a ter outro sentido em outra configuração, como em uma reportagem em que não dá destaque ao caráter criminoso do agressor, ou até mesmo em um julgamento ou numa conversa entre homens em que a vítima pode ser culpabilizada por supostamente ter seduzido o agressor ou por estar em um lugar considerado inapropriado.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a mídia não constrói um imaginário tóxico para o autor de feminicídio; isso acontece porque, de modo geral, a violência contra as mulheres ainda é uma questão ignorada por várias instâncias em nosso país. “Há um elevado

grau de tolerância social para com as violações dos direitos humanos das mulheres”, diz Silva (2022, p. 154).

No senso comum não é diferente. No *Youtube*, há a versão para a internet da campanha “Nova Masculinidade”, um vídeo de 30 segundos. Lá podemos ler os seguintes comentários: “Não existe masculinidade nova ou velha, existe masculinidade e feminilidade. E não é ideologia que vai mudar isso.”, “Quê mente doentia relaciona a violência contra mulher à masculinidade do homem? Mulheres que cometeram delitos tb vão ter sua feminilidade ligada a esses crimes?”, “Ta virando crime ser homem.”, “Precisamos falar sobre como esta propaganda, que demoniza os homens, foi bancada a com os impostos pagos com o suor destes mesmos homens. Até quando vamos sustentar um sistema que nos vilaniza?”, “Ridículo, não tem nada a ver masculinidade com violência!!!!”¹⁵. Esses comentários, predominantemente de homens, mostram como a relação entre violência e masculinidade ainda precisa ser (re)formulada, debatida democraticamente e, principalmente, precisa circular com regularidade em toda a sociedade.

A mídia tende a colocar os autores da violência urbana como “criminosos”, mas ao nomear o sujeito agressor na prática da violência doméstica, apresenta-o como um cidadão de bem que cometeu um erro por impulso. Temos aí um discurso midiático atravessado por ideologias machistas que pode contribuir para a naturalização da violência contra as mulheres, pois tem colocado o sujeito agressor na posição de quem agiu por impulso, sem levar em consideração que o feminicídio é resultado de um processo contínuo de violência sofrido pelas mulheres.

Em síntese, teríamos o seguinte quadro:

15 Disponível em: Campanha Masculinidade Nova–Governo da Bahia–Versão para TV–YouTube
Acesso em: 10 out. 2022.

Quadro 1 – Violência e sujeitos

Tipo de violência	Sujeito que pratica a violência (construção das mídias e senso comum)	Sujeito que sofre a violência (construção mídias e senso comum)
Violência contra as mulheres	Designados por homem, namorado, marido profissão do homem (homens de diferentes classes e raças).	Mulheres As mulheres negras são as principais vítimas. São colocadas em posição de culpadas em alguns contextos também.
Violência urbana	Designados por criminoso, bandido ladrão (quando a ação é praticada por negro, pobre e normalmente, jovem. Designados por estudante, filho de pai e playboy (quando o crime é praticado por branco e classe média e alta).	Cidadão de bem. (Vítima)

Fonte: Elaboração própria.

Todas essas distintas construções de sentido estão relacionadas às estruturas opressoras da cisheteronormatividade, do racismo e do capitalismo (AKOTIRENE, 2021). Há efeitos de sentido dessas formações imaginárias, materializadas no modo de designar, na construção das masculinidades negras, principalmente para os jovens. Esse imaginário de o homem negro ser o mais violento, tóxico e agressor contribui para que a população negra continue às margens da sociedade, e que os homens negros sejam os mais perseguidos pela polícia e tenham mais dificuldade no mercado de trabalho, por exemplo.

Um levantamento feito pelo Instituto Sou da Paz aponta que, entre 2012 e 2019, a taxa de mortalidade por homicídio de jovens negros foi 6,5 vezes maior que a taxa nacional. Além disso, um estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

e do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) aponta que, das quase 35 mil mortes de jovens entre 2016 e 2020 no Brasil, 80% eram de negros.

(...)

“Eu estava com o uniforme da escola e tudo, e tinha uma senhora na minha frente. Conforme eu ia andando, ela acelerava o passo. Aí eu corria para ficar na frente dela, para ela não ficar com medo e ver que eu não estava fazendo nada”, contou o estudante Pedro Henrique Cortez Mota.”

(...)

“Segundo levantamento da Rede Observatórios de Segurança, a cada quatro horas um negro é morto pela polícia no Brasil. Das mais de 2.600 mortes em ações policiais em 2020, 82,7% das pessoas eram negras.”

(...)

“A psicóloga Deborah Medeiros explica que pessoas negras, que estão mais vulneráveis, muitas vezes não veem a polícia como órgão de proteção. “Ela precisa ter códigos para provar rapidamente que ela não é uma ameaça, para garantir sua própria vida”, disse (CNN, 2021, n.p.).

Já em relação aos crimes de feminicídio, a toxicidade apontada pode ser diluída, silenciada ou amenizada, dependendo das condições de produção do discurso. Isso nos mostra que a chamada masculinidade tóxica possui sentidos diferentes em condições de produção diferentes. Quando o sujeito que agride a mulher é um homem negro, esse sujeito, por meio de formações imaginárias, pode ser atravessado pelos sentidos sociais atribuídos ao sujeito que pratica os chamados crimes urbanos (ou seja, o sentido de ser criminoso), em um enlaçamento de imagens realizado por meio do racismo.

Isso significa, por exemplo, que histórica e socialmente o homem negro tende a ocupar um lugar discursivo distinto do lugar do homem branco. Costumam ser posições de sujeito diferentes nos discursos, portanto na própria sociedade brasileira, considerando como ela está estruturada. O homem negro normalmente não é representado como

um homem branco é; o racismo tende a não permitir isso. E a linguagem materializa tal diferença, que é hierarquizada. Parece ser uma lógica semelhante de discriminação o que acontece com os homens indígenas na sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2021).

Considerações Finais

Retomando as imagens analisadas, observamos que em todas aparece o enunciado: “Antes do machismo, a masculinidade tóxica.” Aqui há equívoco. A formulação constrói o sentido de que há uma anterioridade para o machismo, ou seja, a masculinidade tóxica. Assim, se a masculinidade não fosse tóxica, o machismo, então, poderia ser benéfico. Isso falha. O machismo é um tipo de masculinidade, e esse tipo já é a masculinidade tóxica. No Dicionário Online de Português, o machismo é assim definido:

Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres.

Característica, comportamento ou particularidade de macho; macheza.

Demonstração exagerada de valentia [Informal].

Excesso de orgulho do masculino; expressão intensa de virilidade; macheza.

(DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS: 2021, n.p.).

Como o machismo significa “opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres”, no discurso da democracia e dos direitos humanos, por exemplo, ele é tóxico. Como o machismo significa “ser macho” e nos processos históricos o macho foi associado à “demonstração exagerada de valentia”, “excesso de orgulho do masculino” e “expressão intensa de virilidade”, dentre outras significações, então o machismo é tóxico, pois tais atributos sempre estiveram ligados à prática da violência de diversas formas, e a prática da violência é combatida em diversos discursos em nossa sociedade.

Se olharmos o machismo apenas como uma questão de gênero, silenciaremos que a população negra e de classe social baixa tem sido a sua maior vítima, pois, como mostram os dados, são as mulheres negras e de classe social baixa as principais vítimas do feminicídio e de outros tipos de violência doméstica no Brasil, assim como são os homens negros e de classe social baixa os sujeitos que estão imaginariamente mais relacionados pela sociedade (mídia, polícia, senso comum) a um tipo de toxidade que leva a prática da violência física.

Gostaríamos ainda de refletir que o termo masculinidade tóxica possui sentidos diferentes em condições de produção distintas, inclusive pode ser silenciado ou apagado. Assim, na construção do sentido desse termo, considerando o funcionamento da linguagem, há uma série de aspectos ligados a gênero, raça e classe que podem se tornar evidentes ou não nos enunciados.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FILARDI, I.; RODRIGUES, C. **Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo**. CNN Brasil, São Paulo, 15 dez. 2021, Plural. Disponível em: [Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo \(cnnbrasil.com.br\)](https://www.cnnbrasil.com.br). Acesso em: 12 out. 2022.

GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes Editores, 2018.

MACHISMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: [Machismo–Dicio, Dicionário Online de Português](https://www.dicio.com.br/machismo). Acesso em: 12 out. 2022.

MONTEIRO, F. M.; CARDOSO, G. R. A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária: um debate oportuno. Dossiê:

Violência e Sociedade. **Civitas, Rev. Ciências Sociais**. Porto Alegre, v.13, n.1, p.93-117, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.1.12592>. Acesso em: 11 set. 2022.

OLIVEIRA, F. A. Masculinidades Estigmatizadas no Livro Didático de Língua Portuguesa. In: Mônica G. Zoppi Fontana & Jacob dos Santos Biziak (orgs.). **Mulheres em Discurso: Lugares de Enunciação e Corpos em Disputa**. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 293-311.

OLIVEIRA, F. A.; SANTOS, N. J. O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental. **Revista do GELNE, [S. l.]**, v. 24, n. 1, p. 136-147, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/26319>. Acesso em: 3 jan. 2023.

PÊCHEUX, M. Por uma análise automática do discurso (AADD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania Mariani. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 61-162.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

CNN. **Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo**. Por Cléber Rodrigues e Isabela Filardi. 15/12/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>. Acesso em 23 fev. 2022.

SILVA, E. M. Violência extrema contra as mulheres: por uma abordagem interseccional do feminicídio. In: AROCENA, R.; SUTZ, J. (orgs.). **Femicídio: distintas miradas desde la perspectiva universitaria**. En Cuadernos de Universidades, n. 19. Ciudad de México: Unión de Universidades de América Latina y el Caribe, 2022, p. 150-196.

SOUZA, C. A. S. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.